

## MONITORIA INCLUSIVA E ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Eduarda Gomes Marques<sup>1</sup>  
Lady Jane Santana de Oliveira<sup>2</sup>  
Rita de Cássia Silva Borba<sup>3</sup>  
Tamna Emanuelli Pinto Benevides<sup>4</sup>  
Izayana Pereira Feitosa<sup>5</sup>

### RESUMO

As dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência de modo geral, ultrapassam o campo da acessibilidade, posto que é indubitável que o capacitismo que define os sujeitos pela sua capacidade, a compreensão da própria deficiência e da subjetividade individual atingem a forma como o indivíduo se vê e se coloca no mundo. Desse modo, o presente trabalho de relato de experiência destaca uma visão da monitoria inclusiva por parte das monitoras, através do convívio dentro da Unidade Acadêmica de Psicologia (UAPSI) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), destacando as principais dificuldades em relação ao serviço prestado e pontuações elencadas por quatro estudantes acompanhados, sendo eles dois alunos com deficiência visual, uma com deficiência física e outra com deficiência parcial auditiva. Nesse sentido, é exposta uma visão da PCD (Pessoa com Deficiência) no meio acadêmico de ensino superior, além das dificuldades de permanência e percepções subjetivas indagadas pelas discentes dentro da comunidade acadêmica. Concluiu-se, portanto, que há a necessidade de publicações nessa área de conhecimento para que haja uma maior garantia de direitos e dignidade humana, bem como adoção de medidas que facilitem a relação da pessoa com deficiência com a unidade de ensino conforme visto na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nas legislações vigentes.

**Palavras-chave:** Pessoa com deficiência, Inclusão, Acessibilidade, Ensino superior, Subjetividade.

### INTRODUÇÃO

A lei nº 9394/96, destaca que a Educação é um direito de todos e esse é dever do Estado e da família (BRASIL, 1996). No campo da educação inclusiva ainda é um desafio, mesmo diante de várias mudanças ao longo do tempo criação de leis, acesso aos direitos,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, maria.marques@estudante.ufcg.edu.br;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, lady.jane@estudante.ufcg.edu.br.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, rita.borba@estudante.ufcg.edu.br;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, tamnabenevides@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, Professora da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, izayana.pereira@professor.ufcg.edu.br.

reconhecimento das pessoas com deficiência nos locais públicos, acessibilidade, ingressar nas universidades, mas ainda sim são estigmatizados, invisíveis, excluídos e colocados a margem.

A lei nº 13.409 de garantia de cotas na educação universitária federal de dezembro de 2016, assegura o ingresso de alunos com deficiência como medida de adoção de isonomia prevendo uma igualdade de condições para o acesso ao ensino (BRASIL, 2016). Nesse sentido, a Universidade Federal de Campina Grande através do Núcleo de acessibilidade e Inclusão, disponibiliza desde novembro de 2018, atendimento para pessoas com deficiência física, sensorial, mental ou intelectual, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades – superdotação, conforme disposto na legislação vigente. Portanto, para melhor atendimento e permanência desses sujeitos no campo acadêmico, foram abertas vagas para a monitoria inclusiva, com o objetivo de contribuir para adaptação na formação acadêmica, cultural e social.

A educação de forma inclusiva em ensino superior possibilita a formação de futuros profissionais para diferentes áreas, indo de encontro com todas as leis vigentes deste cenário. Nesse sentido, acompanhar alunos com deficiências diversas geram grandes dúvidas em relação a como exercer funções de monitoria, considerando as singularidades de cada pessoa, bem como as especificidades e dificuldades relacionadas às suas atividades sem deixar de lado a própria formação. Para tanto, na Universidade Federal de Campina Grande, no curso de psicologia, são acompanhados alunos com deficiência física, visual e parcial auditiva, dos sexos feminino e masculino e de diferentes períodos, com o intuito de possibilitar uma permanência e adaptação ao meio acadêmico, reconhecendo os diferentes contextos vivenciais.

Contudo, o presente artigo tem como premissa os relatos de vivências experienciais de monitores inclusivos destacando as formas como o estudante acompanhado demonstra se sentir perante os outros e na estrutura de acessibilidade da universidade, tanto ambientais físicas quanto no próprio programa de ensino, bem como ressaltar questões trazidas por eles ligadas à construção de suas subjetividades. Desse modo, o relato de experiência abre espaço também para que alunos relatem suas dificuldades em compreensões do próprio serviço, uma vez que a monitoria inclusiva é um objeto que facilita e é importante para reflexão do processo inclusivo dentro da instituição de ensino superior (BORGES, 2020).

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho, apresentaremos as percepções dos monitores que participaram do Programa de Monitoria Inclusiva da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Bodocongó, Paraíba, Brasil, durante o período de março a agosto de 2023. A pesquisa é baseada nas experiências compartilhadas e desenvolvidas pelas monitoras inclusivas que desempenharam suas funções durante o período da pesquisa no programa denominado Monitoria Inclusiva.

O Programa Monitoria Inclusiva, desenvolvido pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFCG, tem como finalidade oferecer suporte pedagógico e técnico a estudantes que possuem deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades e superdotação. O programa identifica as Necessidades Educacionais Especiais (NEE) dos estudantes nos diversos campi da UFCG, com o propósito de contribuir para sua formação acadêmica e humanística, além de auxiliar na permanência, acompanhamento e conclusão de seus cursos. O objetivo primordial é fomentar a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento de competências e habilidades.

Isso posto, este estudo segue uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Para elaborar esses relatos, coletamos impressões diretamente das autoras deste estudo. De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), o conhecimento científico obtido por meio do Relato de Experiência é valioso tanto para o ambiente acadêmico quanto para a sociedade em geral, uma vez que promove o aprimoramento das intervenções e abre portas para aproveitar futuras oportunidades de trabalho.

Por fim, dado que este é um relato de experiência que se concentra na rotina do programa, não foi necessário submetê-lo a um Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. Pessoa com cegueira**

Engajar-se no projeto de monitoria proporciona vivências enriquecedoras tanto na esfera acadêmica quanto na vida pessoal tanto do aluno orientado quanto do monitor. Esse enriquecimento resulta do intercâmbio de experiências, da organização de conhecimentos e da construção de pensamentos críticos e reflexivos. Neto e Parente (2018) reforçam essa ideia ao afirmarem que as ações desenvolvidas no âmbito da monitoria são importantes para a

formação dos alunos monitorados e dos monitores. Além disso, a participação na monitoria inclusiva desempenha um papel significativo no fortalecimento da autonomia, bem como no progresso acadêmico e na continuidade do discente acompanhado na instituição de ensino, já que as abordagens são direcionadas para oferecer suporte ao estudante.

Ademais, é importante ressaltar que a monitoria pode auxiliar não só na questão de atividades acadêmicas, como também no deslocamento dentro do ambiente universitário já que, infelizmente, a estrutura arquitetônica do local, em muitos momentos, carece de acessibilidade. Nesse contexto, é comum ouvir dos alunos assistidos a descrição de sua mobilidade no local como "horrrível e praticamente impossível", o que reforça a existência de muitos buracos na área, desnivelamento do chão, inexistência de piso tátil, ausência de vagas de estacionamento destinadas a pessoas com deficiência e falta de sinalização acessível. Pottmeier et al. (2019) apontam em um trabalho sobre as barreiras da inclusão que “o processo de inclusão ainda não se efetiva na prática diária de trabalho na Universidade”.

Outrossim, é oportuno expor que a falta de preparação docente dificulta a efetivação da acessibilidade no ambiente acadêmico. Desse modo, ao longo das experiências na monitoria, foi percebido que muitos professores não adaptaram o material das aulas para um formato acessível, o que dificultava, parcialmente ou totalmente, a participação do aluno com deficiência; em outros momentos, percebeu-se que alguns docentes escolhiam atividades práticas inacessíveis.

## **2. Pessoa com deficiência física**

Dentre as principais características de acompanhar e auxiliar uma pessoa com deficiência física e que precisa de se apoiar para andar dentro do CCBS na UFCG durante um semestre e de período diferente do meu, destaca-se a locomoção no ambiente físico da sala, pois o chão da entrada e dos pátios até o prédio de central de aulas, encontram-se irregulares com algumas depressões e terra solta, ocasionando, infelizmente duas quedas da aluna acompanhada. Além disso, vale ressaltar que no momento do ocorrido, a preocupação central dela se concentrava em questionar se de alguma forma ela havia me machucado, sendo notável, posteriormente, um certo receio nessa mesma locomoção em se apoiar e andar pelos mesmos caminhos. Não indubitável, quando questionado aos professores a respeito disso, foi informado que um projeto de reforma arquitetônica já havia sido encaminhado aos cargos superiores, mas até o momento não havia sido colocado em prática.

As questões de comunicação com o aluno em monitoria se deram de forma muito próxima, no entanto algumas dúvidas ainda interferiram na formação, como por exemplo as

verdadeiras limitações de sua deficiência e o papel do monitor inclusivo em sua aprendizagem. Entretanto, cabe ressaltar o processo adaptativo, posto que por se tratar de um acompanhamento no primeiro período, ainda era carregado noções de escolaridade de ensino médio e uma co-dependência familiar da mãe, a qual era a primeira vez que se afastaram em relação a outra cidade por algum tempo, o que em certos momentos, interferia na relação aluno-monitor.

Outrossim, as demandas de auxílio quando trazidas e relatadas em atividades eram mitigadas. No entanto, a autoconfiança ainda era um impasse para esse desenvolvimento, visto que algumas das principais preocupações consistiam na apresentação de seminários e falar perante toda a classe, por apresentar uma ansiedade e medo de não conseguir se expressar, influenciando no julgamento do professor e no sentimento de possivelmente estar incomodando. Esse processo de segurança consigo mesma foi melhorando quando passamos a ensaiar toda a apresentação mediante uma fala pré-escrita e com um foco em uma só aluna na sala como ponto de segurança.

Por fim, ficou claro que dentre todas as problemáticas enfrentadas e trazidas pela aluna acompanhada, a perseverança e a vontade de permanecer no curso que é desde a matrícula, uma realização de sonho, possibilita a sua permanência, entretanto, em meio a tantas dificuldades que poderiam serem enfrentadas e sanadas, a partir do olhar atento ao outro e suas especificidades, desistir sempre é um caminho pensado e relatado.

### **3. Pessoa com deficiência parcial auditiva**

A educação inclusiva ainda é um desafio, mesmo diante de várias mudanças ao longo do tempo: criação de leis, acesso aos direitos, reconhecimento das pessoas com deficiência nos locais públicos, acessibilidade, mas ainda sim esses indivíduos são estigmatizados, invisíveis, excluídos e colocados à margem. A percepção que se tem é que as pessoas não visualizam o ser humano na sua dimensão subjetiva como um todo, nos seus aspectos psicológicos, emocionais, psíquicos, espirituais, mas partindo de uma lógica física, biológica, a partir da sua deficiência.

A surdez ou deficiência auditiva é uma das deficiências mais encontradas na população mundial, que pode ser adquirida em qualquer estágio da vida, que pode acabar prejudicando ou limitando as atividades sociais, e o próprio desenvolvimento pessoal, recebe a classificação de acordo com a manifestação, origem, gravidade, nesses seguintes termos: leve, moderado, severo e profundo. (RUSSO; ALMEIDA; 1995 apud MACHADO et al., 2011).

Ainda no aspecto educativo, Sanchez (2005 apud MACHADO et al., 2011) aponta que a educação inclusiva está contida nos direitos humanos, não sendo algo fácil, já que requer grandes e diversas mudanças, entre a questão do processo de formação dos professores, da gestão, de metodologia educacionais. A legislação precisa estar acompanhada das políticas públicas que possam facilitar o processo inclusivo educacional.

Além disso, é possível identificar a dificuldade que os professores têm para lidar, buscando muitas vezes respostas prontas de como deve conduzir, mostrando a necessidade da escuta de forma ativa a demanda do outro, já que devido essa falta de comunicação eles deixam lacunas abertas das necessidades em sala de aula e fora dela que às pessoas com deficiência enfrentam.

Nesse contexto, foi relatado diversas vezes pelo aluno monitorado os diversos impasses por causa da deficiência auditiva parcial, podendo destacar: dificuldade de memorização, linguagem afetada, o não falar direcionado, e problemas de dicção das pessoas que dificultam para ela a leitura labial. Diante disso, é perceptível que todos esses fatores acabam tendo implicações sociais, educacionais, psicológicas. Destarte, é imprescindível que a monitoria inclusiva possua mais destaque e visibilidade, que os monitores, orientadores, monitorando, coordenadores, professores se unam em prol de melhorias das políticas públicas voltada às pessoas com deficiência, que eles possam ter mais voz para comunicar suas necessidades, dificuldades e anseios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência na monitoria inclusiva foi de grande relevância não só para o âmbito acadêmico, mas também para vida pessoal. Os desafios enfrentados foram diversos, ultrapassando as fronteiras do ambiente acadêmico e relacionando-se intimamente com barreiras institucionais. Ocupando as posições de monitoras, foi possível observar e acompanhar as dificuldades que os alunos acompanhados enfrentam como a invisibilidade, a exclusão, o capacitismo muito presente dentro da universidade, a infantilização da pessoa com deficiência.

Torna-se apropriado que os monitores inclusivos sejam vistos também como seres humanos, e compreendido que seus investimentos são de crucial importância para a contribuição e permanência do monitorando na instituição, uma vez que é imprescindível que nós sejamos vistas como mediadores e não responsáveis pela vida acadêmica do nosso acompanhante na instituição de ensino superior.

Nessa conjuntura, o objetivo deste trabalho foi contribuir para superar as barreiras discursivas e imaginárias que limitam os lugares atribuídos às pessoas com deficiência. Nesse sentido, estabelecer critérios para a participação em programas inclusivos não aborda adequadamente a complexidade humana, posto todas as dificuldades encontradas nas vivências dos alunos acompanhados. Contudo, diante da proposta de criar espaços de participação abrangentes, dando prioridade à escuta e consideração das demandas e singularidades de grupos minoritários, vê-se que um caminho eficaz para construir uma comunidade universitária que interage efetivamente no processo de inclusão à qualidade da formação dos indivíduos.

### **AGRADECIMENTOS**

Aos alunos monitorados, agradecemos a partilha de experiências, e destacamos o quanto aprendemos junto a vocês nesse processo. A torcida e a luta pela melhoria da qualidade de ensino de forma equitativa e saudável sempre será uma busca e um desejo de todas nós, para por fim, o meio acadêmico ser um ambiente que agregue conhecimento e experiências de vida sendo um agente de mudança de perspectiva em um mundo desigual.

A professora orientadora, agradecemos as diversas escutas acolhedoras em meio a aflição de tantas dúvidas do exercício da monitoria inclusiva, acreditamos que a escuta ativa e coletiva possibilitou não só nosso desenvolvimento como monitoras, mas nossas perspectivas quanto a necessidade do outro e o alcance de nossas atitudes diárias.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, L. A.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. O.. **As contribuições da Teoria de Henri Wallon para a educação.** Cadernos da Fucamp, v.21, n.52, p.60-75, 2022. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2817>>. Acesso em: 16 de set. 2023.
- BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. **Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2016. Acesso em: 20 jun. 2023.
- Carvalho, A. dos S. M. *et al.* **A inclusão de deficientes auditivos no Ensino Superior: Direito, acessibilidade e avaliação.** v.11, n. 1, Curitiba: Educar em Revista, 2022.
- DANTAS, P. N. M. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão. Portal da UFCG, 2018. Disponível em: <<https://portal.ufcg.edu.br/nai.html>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- FILHO, E. C. M.; POSSEBON, A.. **Contribuições do pensamento de Vigotski para uma Educação Transformadora.** Educação e realidade, v. 47, p. e116925, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236116925vs01>>. Acesso em: 16 de set. 2023.
- MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, [s. l], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.
- NUEMBERG, Adriano. **Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/dyprgK9ZnZzrpLvtjntbCCS/?format=pdf>>. Acesso em: 16 de set. 2023.
- PAULO NETO, J. G.; PARENTE, N. N. Um relato de experiência sobre a monitoria no curso de licenciatura em física. **Editora Realize: Anais do VI CONEDU**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 0-0, 2019.